

Subsídios à implantação e um projeto de produção por produtores de base familiar

# Cabrito Orgânico da Caatinga

Clóvis Guimarães Filho

Apesar de o mercado atual ser francamente favorável ao ovino, é no caprino que residem as maiores possibilidades futuras de a região semi-árida competir com um produto realmente diferenciado, inimitável por outras regiões ou países. Uma dessas alternativas seria representada pelo "cabrito orgânico da caatinga", uma forma de produto ecológico estreitamente vinculado ao ambiente natural da região.

A atual caprinocultura extensiva praticada no nosso semi-árido, ao contrário do que muitos pensam, pela sua ação espoliativa sobre a caatinga e pelo uso generalizado de vermífugos, polhícidias, mata-bicheiras e outros alopáticos, está distante de atender às exigências mínimas para certificação orgânica. O atendimento a essas exigências poderia ser feito, mais facilmente, a partir da criação de genótipos nativos sele-

cionados, em sistema semi-extensivo, associando o uso da caatinga a pastos tolerantes a seca e a forragens conservadas sob diversas formas.

Os animais seriam abatidos com idade variável entre 210 e 300 dias de idade, em função do nível de intensificação tecnológica utilizado. Não importaria muito competir com as criações mais "artificializadas" com relação à idade de abate, pois o produto gerado é diferente, com



maior valor agregado e, muito provavelmente, menores custos de produção.

A carne orgânica assim produzida incorpora, como qualidades mercadológicas, o uso nulo de agroquímicos, o rigoroso controle higiênico-sanitário na produção, no processamento e na distribuição, com um sabor característico associado ao pasto natural ("sabor caatinga"). A comercialização dar-se-ia em cortes especiais (incluindo cabrito-mamão) resfriados ou congelados, podendo-se ainda incorporar na "marca" do produto, o nome da microrregião, território ou espaço geográfico delimitado pelas ações da associação (exemplo: "cabrito orgânico do Cariri").

### **Procedimentos de implantação**

Para as associações, a estratégia mais recomendável seria iniciar o processo através de um projeto-piloto de produção e comercialização do cabrito orgânico, envolvendo um número limitado de associados. A certificação como produto orgânico seria do tipo grupal, que certifica a organização e a credenciação como co-responsável pelo monitoramento regular

da qualidade do produto e pelo atendimento às exigências de certificação. Para isso, a associação tem que estar formalmente constituída e possuir um sistema de controle interno.

O projeto-piloto deve incluir a formação de uma rede de articulação produtor-processador-distribuidor, incorporando - em um modelo de integração de pequena es-



cala - as ações de financiamento, assistência técnica, promoção e comercialização do produto. As etapas de implantação do projeto compreenderiam especificamente:

- Sensibilização/mobilização dos associados e seleção das unidades-piloto iniciais;

- Definição da entidade certificadora e início de articulações para certificação do produto - articulação com outros parceiros comerciais

(processadores, distribuidores e clientes diretos) e de apoio técnico e financeiro;

- Criação (e capacitação) de um Comitê Regulador de controle interno do processo, atendendo à exigência das certificadoras para o modelo grupal;

- Elaboração do manual de procedimentos técnicos (normas a serem atendidas na criação, processamento e comercialização);

- Capacitação técnica e gerencial dos produtores selecionados em produção orgânica;

- Implantação dos sistemas de produção nas unidades-piloto através de financiamento

pelos fontes oficiais de crédito (Pronaf principalmente) e/ou de acordos de cooperação com outros parceiros engajados direta (abatedores, distribuidores ou consumidores) ou indiretamente (MDA, MDS, Projeto Dom Hélder Câmara, etc.);

- Monitoramento e avaliação técnica (pelo Comitê Interno), econômica e ambiental dos sistemas de produção implantados nas unidades-piloto, visando, de forma

participativa, proceder os necessários ajustes e correções;

- Abate e processamento experimental da produção de cabritos oriundos das unidades selecionadas (abate, frigorificação, cortes especiais, formas de acondicionamento);

- Promoção e comercialização experimental do produto processado e certificado (pleno ou em conversão) com clientes previamente articulados (redes de supermercado, programas governamentais, restaurantes e casas especializadas) e/ou em pontos de venda diretamente da associação.

Todo esse processo deve ter o acompanhamento da entidade certificadora. O Comitê Regulador deve monitorar e avaliar periodicamente diversos parâmetros, entre eles: o desempenho produtivo dos rebanhos; a capacidade de atendimento às normas de certificação orgânica; as qualidades mercadológicas dos produtos; a economicidade do empreendimento e a aceitabilidade do produto pelo consumidor. Atendidos satisfatoriamente esses aspectos, o empreendimento estaria apto então para a fase seguinte, que

trataria da mudança de escala, na qual seriam incorporados e capacitados novos caprinocultores associados e busca da expansão do seu mercado.



### Principais aspectos tecnológicos do sistema de produção

O cabrito orgânico da caatinga poderia ser produzido a partir de práticas inspiradas em alguns trabalhos iniciais da Embrapa Semi-Árido, Embrapa Caprinos, universidades e na experiência de alguns produtores. Algumas dessas práticas, descritas sucintamente a seguir, necessitariam ainda ser adaptadas à realidade de cada uma das distintas situações agro-ecológicas e sócio-econômicas, sob as quais operam as unidades de base fami-

liar do semi-árido:

**Genótipos:** matrizes puras de raças nativas ou mestiças (mínimo de 50% do sangue nativo), cobertas por reprodutores puros de raças nativas, visando a obten-

ção de machos e fêmeas para abate com idade variável entre os 210 e 300 dias de idade. Alternativamente, essas matrizes poderiam ser cruzadas com reprodutores de raças ditas especializadas, para abates a menor idade, implicando tal opção, todavia, em maiores limitações de adaptação desses genótipos às “tecnologias orgânicas” e de associar ao produto final, como qualidade mercadológica, os fatores naturais e culturais do bioma caatinga;

**Manejo alimentar do rebanho:** base alimentar das matrizes no



pastejo rotacionado na caatinga e em pastos de capim Buffel (ou similar), complementado no período seco, com algumas das seguintes alternativas:

- \* forragem conservada (feno e/ou silagem de leucena, gliricídia, guandu, maniçoba, etc.);

- \* pastos diferidos (caatinga, capins Buffel, Corrente, etc.);

- \* forrageiras para corte ou apanha (palma-forrageira, algaroba, melancia-forrageira);

- \* palhadas puras, ou hidrolizadas a pressão de vapor ou a cal virgem;

- \* concentrados industriais (farelos de algaroba, de babaçu, de licuri e de outros produtos, desde que produzidos sem uso de solventes químicos);

- \* grãos e outros pro-

ductos cultivados organicamente (sorgo, milho, raspa de mandioca);

- \* misturas múltiplas compostas de minerais em mescla com algumas das alternativas acima.

Após uma fase inicial de amamentação exclusiva junto às mães, as crias passarão a ter acesso, também, a uma mistura especial (cocho privativo) e a alguma forma de pastejo, até o desmame completo.

### **Manejo dos pastos naturais e cultivados:**

pastos, na medida do possível, subdivididos para uso de forma rotacionada e devidamente arborizados (plantio das árvores em distribuição uniforme, em bosquetes ou em faixas). A manipulação da vegetação nativa (enriquecimento, raleamento e rebaixamento),

onde recomendada, pode constituir outro valioso instrumento de manejo. A adubação dos pastos cultivados deve utilizar adubos de baixa solubilidade, privilegiando-se ainda o aproveitamento da matéria orgânica produzida na propriedade (esterco na forma de composto e adubação verde).

**Manejo reprodutivo:** neste aspecto não haveria qualquer limitação com relação às práticas normalmente recomendadas nos sistemas convencionais, mesmo o uso da inseminação artificial, permitido pelas normas de certificação (apenas a transferência de embriões não é permitida);

**Manejo sanitário:** vacinações contra clostridioses e controle de ecto e endoparasitoses (piolhos e verminoses controlados pelo uso combinado de homeopatia, fitoterapia, descanso de pastos e desinfecção periódica das instalações. Uma série de produtos homeopáticos e fitoterápicos (Nim, alho-em-pó, babosa, batata-de-purga, etc.) já se encontram disponibilizados para uso nesses sistemas, embora, para alguns deles, ainda faltem estudos de maior rigor científico que compro-

Indicadores	Sistema Tradicional Extensivo	Sistema Orgânico
Crias nascidas/ME <sup>(1)</sup> /ano	1,0 - 1,2	1,3 - 1,5
Crias desmamadas/ME/ano	0,8 - 1,0	1,2 - 1,4
Mortalidade pré-desmame (%)	20 -25	5 - 10
Mortalidade pós-desmame (%)	5 - 10	1 - 3
Unidades comercializadas/ME/ano	0,7 - 0,9	1,1 - 1,3
Idade aos 28 kg Peso vivo (meses)	14 - 17	7 - 10
Peso vivo comercializável/ME/ano (kg)	12 - 20	30 - 38

<sup>(1)</sup> matriz exposta ao reprodutor

vem seus níveis de eficiência e de segurança com relação a possíveis efeitos colaterais. Outras medidas recomendadas incluem o uso de quarentenário, de pedilúvios, de esterqueira e exames periódicos de artrite-encefalite e linfadenite caseosa.

Com o uso racional dessas práticas seria possível obter os seguintes índices de desempenho zootécnico, comparativamente aos observados nos sistemas extensivos tradicionais praticados nos sertões baiano e pernambucano do São Francisco. (Veja quadro)

O modelo proposto procura, portanto, contemplar as principais práticas de convivência com a seca e de preservação ambiental recomendadas pela Embrapa e por outras instituições, para zonas semi-áridas, sistematizadas no uso preferencial de raças autóctones, de pastos cultivados tolerantes à seca, de métodos racionais de uso da vegetação nativa (pastejo em rotação, lotação adequada), de arborização dos pastos cultivados, de suplementação alimentar nos períodos secos com bancos de proteína/energia, de estabelecimento de re-

servas estratégicas alimentares para períodos de estiagem prolongada, de captação de água da chuva "in situ" nas áreas de cultivos forrageiros, de preservação de áreas de reservas legal e permanente, de uso maximizado de matéria orgânica e de adubos não sintéticos, de sistemas produtivos diversificados (interação com agricultura, extrativismo e outros subsistemas da propriedade, etc.) e de uso mínimo de insumos externos.

*Clóvis Guimarães Filho*  
- é médico-veterinário,  
consultor em caprino  
e ovinocultura

